MEMORIAL ITINERANTE

Africanidades

Memorial Itinerante
Africanidades

Projeto premiado na 6ª edição do Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus do Programa Ibermuseus.

Memorial Itinerante
Africanidades

Itinerante:

passageiro caminhante caminheiro transeunte viajante viandante passadouro provisório temporal temporário transitivo transitório viador peregrino caixeiro peregrinador viandeiro peregrinante

Quando idealizamos um projeto de itinerância, andávamos bastante inquietos, à procura de caminhos que pudessem nos ressignificar.

Acessibilidade, apropriação e pertencimento são sentidos e princípios que pulsam em nossos ideais, remetendo-nos à garantia de direitos, a exercícios de cidadania - dar a vez ao outro, criar possibilidades, ampliar experiências e construir novos olhares sempre foram nossos objetivos na educação.

O Memorial Minas Gerias Vale, após o amadurecimento de um trabalho de estudos, pesquisas e práticas educativas põe seus pés, mãos, corpo e cabeça na estrada, trazendo como bagagem uma bela exposição, parte de seu acervo, com o recorte temático "Africanidades".

Também promove encontros de formação com educadores e agentes culturais, na expectativa de ampliação e troca de saberes, e para tal preparou esse material – uma seleção de textos escritos por educadores da equipe, que no dia-a-dia buscam refletir com crianças, jovens e adultos questões referentes a preconceitos, discriminações, desigualdades sociais.

Na expectativa de que seja uma viagem de novos encontros, convidamos você a embarcar conosco!

Um abraço,

Mabel de Melo Faleiro

Coordenadora do Educativo

Sumário:

Um museu, em uma Praça 8

Introdução 12

Visões da África 18

O Baobá como tradição oral 23

Palmares 27

Ilê Aiyê: reflexões sobre o "lugar" do negro na sociedade mineira contemporânea 33

Sugestões de Práticas 38

"Irin Ajo": Resistência e Liberdade 41

Ficha técnica 46

Um museu, em uma Praça.

Silvia Coelho[1]

Em certo Estado do Brasil, entenderam espíritos adiantados que a sede do Governo não devia continuar onde estava: a capital era pequena, inconfortável, de acesso penoso, impossível sua expansão.

Logo se construiu uma ampla cidade de peregrino horizonte, para onde se transportaram os servidores públicos da antiga e mais os pertences de cada um, reinstalados em casinhas que cheiravam a tinta fresca e a idéia de progresso.

Carlos Drummond de Andrade

1 Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto. Educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

O Estado sem nome, destacado na crônica *A mobília* de Carlos Drummond de Andrade, pode nos revelar o projeto da construção de cidade de Belo Horizonte, que recebe, quando em sua inauguração, destaque nacional como a primeira cidade projetada do país, e, sua notoriedade, é reforçada por sua construção ter sido tutelada pela então recém-instaurada República do Brasil, em 1889[2].

As construções do antigo Curral Del Rey[3] foram demolidas por não coincidirem com o cenário projetado para a nova capital do Estado. Atendendo à lógica da planta do projeto – com traçados simétricos, amplas ruas e avenidas e uma divisão racional dos espaços –, a Praça da Liberdade foi construída sobre uma colina aplainada – ponto mais alto da cidade naquela época –, e se torna núcleo do poder político, buscando exercer a condição de centro integrado do Estado.

No dia 12 de dezembro de 1897, a nova capital e a Praça da Liberdade foram inauguradas, no advento, havia apenas três Secretarias, ainda inacabadas: da Fazenda, Agricultura, Comercio e Obras Públicas e a Secretaria do Interior. Desse modo, tal evento representou o primeiro marco de ocupação da Praça: *Praça do Poder* e, posteriormente, se tornou, também, *Ponto de Encontro* dos belo-horizontinos e, principal espaço de Festividades.

A construção do prédio da Secretaria da Fazenda insere-se nos projetos político, arquitetônico e

2 Referência retirada do texto *Fantasmas de Belo Horizonte*, de Heloísa Maria Murgel Starling. Pesquisa realizada para a concepção da sala História de Belo Horizonte, em exposição no Memorial Minas Gerais Vale.

3 Visto como um local neutro onde as oligarquias regionais em disputa não poderiam assumir o poder político estadual, foi o local escolhido pela Comissão Construtora para erguer a nova capital do estado. Esse vilarejo, durante o século XVIII, serviu como ponto para abastecimento, parada e troca de animais aos viajantes que seguiam o caminho da região das Minas ao Rio de Janeiro.

paisagístico da Praça da Liberdade e suas origens se misturam com as próprias origens da cidade. Ao longo dos anos, acompanhando o desenvolvimento da capital, seu traçado foi ganhando novos contornos claros e a edificação passou por períodos de reformas e intervenções diversificadas. A última delas, no início da primeira década do século XXI – momento em que *Praça do Poder* se tornou, de fato, *a Praça do Encontro,* com a implementação do que hoje é Circuito Cultural Liberdade. O prédio de "pintura externa em tons de creme na moldura", de singular "beleza e elegância da fachada" e com "belo escudo representando as finanças do Estado" [4] – que coroa a entrada principal –, volveu-se o Memorial Minas Gerais Vale, um "espaço-síntese" da história e cultura deste Estado. Todavia, nos pergunta Carlos Drummond de Andrade: "Condensar Minas Gerais numa antologia não será o mesmo que prender o mar na garrafa?".

Caracterizado como museu de experiência, o Memorial Minas Gerais Vale tem à sua disposição várias linguagens a fim de alcançar as mais diversas formas de conhecimento e formas de expressão de indivíduos nos vários séculos. Sua aposta na imaginação e na experimentação do tempo e espaço é um exercício que não encerra seu acervo apenas em uma soma de informações.

Seus 31 espaços expositivos, que misturam exposições de longa duração, espaços de convivência e exposições de curta duração, foram pensadas a partir de três eixos principais: "a *Minas Imemorial* com toda a riqueza do passado e o legado histórico mais impressionante do Brasil; a *Minas Polifônica*, com todas as várias culturas, as várias linguagens, os vários tempos, os vários níveis de realidade e tudo aquilo que atravessa essa diversidade, possibilitando o diálogo entre elas; e a *Minas Visionaria*, mostrando o estado que se projeta para o futuro com suas vanguardas, modernismos e contemporaneidades"[5].

No Memorial Minas Gerais Vale convivem paisagens convencionais: o saber dos artesãos e artistas do Vale do Jequitinhonha transmitida pelos cantos de sua experiência; uma arte rupestre singular e milenar; evoca à memória Miguilins e Riobaldos; a ancestralidade, a luta e a resistência de povos africanos e indígenas; a arquitetura barroca única de suas cidades históricas; uma Minas encantada e uma Belo Horizonte monótona de Carlos Drummond; e, a vida de famílias que fazem parte da memória deste Estado, mostrando, que "cada cidadão, por mais anônimo que seja, faz parte da história de Minas Gerais e do Brasil"[6].

Dessa forma, torna-se, assim, o Memorial num convite à experimentação e à apropriação da riqueza cultural do Estado de Minas Gerais.

Sejam bem-vindos!

Referências:

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart, CARDIA, Gringo, STARLING, Heloisa Maria Murgel (org.), *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, Amendoeira*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. *Secretaria de Estado da Fazenda*. Belo Horizonte, 2004.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. Fantasmas de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2016.

4 BARRETO, Abílio. Belo Horizonte. Memória histórica e descritiva. *História Média* . *apud* INSTITUTO ESTADUAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. *Secretaria de Estado da Fazenda*. Belo Horizonte, 2004.

5 Para além da Memória de Minas In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart, CARDIA, Gringo, STARLING, Heloisa Maria Murgel (org.), *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

6 *Idem*

Introdução

Ana Luiza Teixeira Neves[1]

Até que os leões inventem as suas próprias histórias,
os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.

Provérbio Africano

Passados 13 anos da promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, em alteração à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o objetivo de incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira", trazemos à tona algumas reflexões sobre o tema. São escritos, ora embasados em estudos, ora vivenciados na nossa prática diária de educadores, que lidam com os mais diversos debates e que fazem da prática educativa um espaço de diálogos enriquecedores.

No Memorial Minas Gerais Vale, e agora, no projeto intitulado *Memorial Itinerante*, trabalhamos essa temática por meio do percurso *Africanidades e Memória*, na qual questões e práticas são apresentadas aos visitantes por meio dos vieses da luta e resistência do povo negro no Brasil, a influência na arte, no artesanato, nos costumes e nas religiões e, principalmente, a diversidade que se apresenta hoje na nossa sociedade com esta contribuição.

Dentre os 31 espaços expositivos existentes no MMGV, para este percurso e esta exposição, fez-se um recorte dos seis mais representativos que abordam essa temática**:** *Povo Mineiro*, *Vilas Mineiras*, *Vale do Jequitinhonha*, *Festas e Celebrações*, *Sebastião Salgado* e *Fazenda Mineira*.

Destacamos esses espaços, pois perpassam temas como a história de uma África pré-colonial, a colonização brasileira e a utilização da mão-de-obra de africanos escravizados – na mineração, nas fazendas, nos serviços domésticos e na edificação de muitas das vilas, hoje cidades mineiras. Sobremaneira na elaboração de uma cultura afro-brasileira.

Faz-se necessário ressaltar que o encontro de três culturas distintas – o ameríndio, o africano e o europeu –, que por mais cruel ou injusto que tenha sido, colaborou, por meio de resistências, sincretismos e ligações com a ancestralidade, para que os hábitos, crenças e costumes de origem africana influenciassem intensamente na construção de uma cultura afro-brasileira, presente até os dias de hoje, na arte, no artesanato, nas religiões e nos ritos.

1 Mestre em História da Arte pela UFMG (2014). Bacharel licenciada em História pela PUC-MG (2005). Assistente de Projetos do Educativo no Memorial Minas Gerais Vale.

Por meio do Batuque, do Samba, do Candombe, da Capoeira, da Folia de Reis, do Congado, do culto a Nossa Senhora do Rosário, dos rituais de Candomblé e Umbanda, do culto aos orixás, as tradições africanas, em solo brasileiro, proporcionaram a esses povos – oriundos de regiões distintas do continente africano – maneiras de perpetuar suas crenças e fazer com que muitas delas fossem transmitidas através da oralidade, de geração em geração.

Também o artesanato, tão rica manifestação de ancestralidade indígena e africana está fortemente presente até os dias de hoje, como podemos perceber nas criações dos artesãos do Vale do Jequitinhonha. Figuras zoomorfas, antropomorfas, cenas simples do cotidiano, como o cozinhar no fogão à lenha ou o cuidado com a roça, surgem em meio ao barro, criando uma identidade própria de um povo marcado pelo fazer artesanal.

Por último, trazemos à tona, com imagens diversas, seja nas fotografias de Sebastião Salgado, seja nas pranchas selecionadas[2], uma África mais atual, onde de um lado se apresenta alguns povos que mais de perto sofreram e sofrem com a seca, a fome, a miséria, guerras civis e conflitos territoriais, e de outro, um continente em pleno desenvolvimento social e tecnológico acompanhando as tendências mundiais.

Sabemos que não foi só como mão de obra escravizada que negro trazido da África participou da formação do povo brasileiro; colaborou, também, para a transformação da sociedade em vários setores tais como: a religião, a língua, os costumes. No material que aqui apresentado, discutiremos alguns caminhos possíveis para que essa história seja revista.

2 A exposição de Sebastião Salgado é um dos ambientes que temos no MMGV, e dentre as séries fotográficas ressaltamos a intitulada *A tragédia africana*. As pranchas, com imagens diversas são instrumento de abordagem utilizada nas nossas visitas mediadas e servem, muitas vezes, como ponto de partida para a discussão de determinados temas.

Frequentemente, o pensamento sobre o continente africano, gira em torno de especulações depreciativas ou desfavoráveis a um continente tão diverso quanto sua extensão, como nos mostra o texto *Visões da África*, de Charles Souza. O autor nos propõe uma ampliação do olhar sobre o continente para além da visão estereotipada e preconceituosa construída pela mídia ou pelo senso comum. Por outro viés, não deixamos de lado a abordagem da resistência negra, no texto intitulado *Africanidades: Palmares*, de Lauren Araújo, onde apresenta formas de resistência negra no Brasil colonial, tendo a formação de quilombos como principal elemento de luta e sobrevivência até os dias atuais.

Em outro texto, intitulado *Africanidades e Memória: o Baobá como tradição oral*, de Valdir dos Santos, são apresentados dois símbolos caríssimos à cultura africana: o Baobá e o Griot. O primeiro, a árvore símbolo deste continente, reconhecida como guardiã das memórias, pois é embaixo de suas copas o local onde se faz presente a transmissão de conhecimento de muitos dos povos africanos. Esse conhecimento é transmitido pelo Griot, outro guardião da memória, muitas vezes sendo a pessoa mais velha da comunidade, detentora de conhecimentos que fora passados de geração em geração, preservando o conhecimento dos ancestrais, para determinados povos.

Para finalizar, o texto de Smally Rodrigues, denominado *Ilê Aiyê: reflexões sobre o "lugar" do negro na sociedade mineira contemporânea*, que discute as mudanças do pensamento historiográfico construído acerca da imagem do negro, cotejando as narrativas históricas dos séculos XIX ao XXI, reavaliando essa construção do pensamento e propondo novas abordagens.

Em um segundo momento, apresentamos nesse livreto, algumas *Sugestões de práticas* usadas em nossas visitas diariamente [3]; além de um texto narrativo, intitulado *Irin Ajo: Resistência e Liberdade*, de Henrique Rocha Bedetti, onde a história contada só terá um final definido caso os leitores se sintam estimulados a desvendar as facetas da resistência e da liberdade nas minas setecentistas.

Acreditamos, como educadores, que com este material, estamos contribuindo para o enfrentamento de qualquer tipo de preconceito e que este sirva como uma ferramenta de apoio ao professor/educador responsável por direcionar tais temáticas seja na sala de aula, seja no espaço museal.

3 Segue anexos materiais de duas dessas práticas que podem ser utilizadas tanto pelo professor/educador, quanto pelo agente cultural, na sala de aula ou em visitas mediadas.



Visões da *África*

Charles Junio Souza[1]

Refletir sobre o continente africano requer pensá-lo em sua pluralidade. Terceiro continente mais extenso do planeta, a África apresenta uma grande diversidade natural, social, cultural, econômica e política. Contudo, as imagens e notícias comumente veiculadas por grande parte dos meios de comunicação – filmes, revistas, jornais, documentários, entre outros – relativas àquela região, estão repletas de estereótipos, que nos impactam de forma contundente e frequentemente passamos a reproduzi-los, em nosso imaginário, acerca daquele território.

1 Licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e Assistente Pedagógico do Educativo no Memorial Minas Gerais Vale.

A África, retratada pela grande mídia, geralmente oscila entre o exotismo da natureza e dos povos e as tragédias humanas como, por exemplo, a fome, as epidemias e as guerras. É evidente que há paisagens naturais que impressionam por sua beleza, exuberância e magnitude, assim como há, também, os problemas sociais, os conflitos e a miséria. Entretanto, é importante que essas visões sejam constantemente problematizadas, repensadas, questionadas, para que não se tome o todo pela parte, ou seja, que o continente africano não seja reduzido ao exótico, trágico ou catastrófico.

Um dos aspectos explorados pela grande mídia é o geográfico. Desse ponto de vista, a África apresentada é a dos grandes animais como o elefante, a girafa, o leão; é também a África dos grandes rios, das florestas, das savanas, dos grandes desertos. O continente é visto como um lugar onde a vida selvagem prevalece sobre a presença humana. Há grandes vazios populacionais. Os poucos habitantes apresentados estão dispersos pelo território e se misturam com a paisagem natural. A África mostrada é, por um lado, uma região com povos que possuem costumes e tradições exóticas e, por outro, uma região de natureza fantástica, um território inóspito, bravio, áspero.

Outro aspecto largamente abordado é o da tragédia humana. Guerras, epidemias, calamidades, pobreza são fatos exaustivamente apresentados por noticiários, filmes e documentários. A África retratada é o lugar onde proliferam guerras que parecem ser intermináveis, travadas sem nenhum sentido ou objetivos. África onde quem não é vítima dos conflitos armados padece de fome, de sede, de AIDS, malária.

Epidemias e guerras são realidades inegáveis no continente

africano. Em Angola, por exemplo, após a guerra de independência em 1975, seguiu-se uma guerra civil com centenas de milhares de vítimas. A desnutrição e a mortalidade infantil são questões enfrentadas por muitos países os quais apresentam os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do planeta [2]. Entretanto, a África não se resume a esses flagelos.

A África vista como um continente com uma história rica e complexa, constituída por diversos povos e países, com grandes centros urbanos, ainda não é a mais conhecida. Assim sendo, é importante ampliar o olhar sobre o continente salientando que África são muitas. Como afirma Alberto da Costa e Silva,

> *se uma região da África foi atacada por nuvens de gafanhotos que devoraram todas as plantações, e nela há fome, nas outras a colheita se fez normalmente, os celeiros estão repletos e há abundância de comida. Se em determinado lugar há uma feroz luta armada, noutros as crianças vão regularmente à escola, de roupa limpa e sapatos lustrados. E a vida familiar transcorre normalmente, sem faltar alegria. (SILVA, 2012. p.11)*

É importante sublinhar que, qualquer reflexão sobre o continente implica em um recorte analítico, seja social, cultural, político ou econômico. Todavia, é necessário abordagens que possibilitem outras visões da África e dos africanos. Abordagens que, além da tragédia humana, mostrem as lutas dos africanos em busca de melhores condições de vida, que apresentem as lutas de libertação, de descolonização. Que deem voz aqueles que lutaram e lutam contra todo tipo de discriminação, segregação. Visões que possibilitem percebê-los como sujeitos de suas histórias, que valorizem suas culturas, costumes e tradições.

2 UN. Human Development Report 2015 – Work for Human Development.

Compreender a história das nações e dos povos africanos é tarefa que acarreta não somente entender o continente a partir da chegada dos europeus, mas reconhecer o legado de seus antigos impérios – como os impérios do Mali (XIII-XVII) e de Gana (VI-XIII) – com suas respectivas estruturas socioeconômicas e culturais, seus mitos de fundação, lendas e crenças.

No que tange especificamente ao aspecto cultural faz-se necessário ter uma abordagem ampla buscando fugir do senso comum, do corriqueiro, como é, por exemplo, a questão da musicalidade que quase sempre esbarra no som dos tambores. É preciso compreender que nas culturas africanas o tradicional dialoga e convive com o moderno. Urge dar voz a músicos e cantores africanos de diferentes vertentes, como a cabo-verdiana Cesária Évora, o músico camaronês Richard Bona, o grupo de rap angolano Hemoglobina – que gravou o belíssimo rap Sonho Africano – e a cantora sul-africana Miriam Makeba.

Refletir sobre a África e os africanos é apreender o outro em sua diversidade, sem reduzi-lo a estereótipos. É pensar o continente e seus habitantes por meio de diferentes percepções, olhares, visões. É possibilitar que o outro se apresente de diversas formas e não reduzi-los ao autoritarismo de olhares estrangeiros.

Referências:

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental*. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2646/2195. Acesso em 12/01/16.

SILVA, Alberto da Costa e. *A África explicada aos meus filhos.* Rio de Janeiro: Agir, 2012.

UN. *Human Development Report 2015* – Work for Human Development. Disponível em: http://report.hdr.undp.org/ Acesso em 14/01/2016.

ARNAUT, Luiz Duarte. *História de África (Séculos XIX e XX): Textos e Documentos.* Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/Afrika%20docs.html Acesso em 12/02/2016.



O Baobá
como tradição oral

Valdir Rodrigues dos Santos[1]

O continente africano é múltiplo em saberes e sua magnitude perpetua-se em uma gama de sentidos culturais e religiosos, que contribuem ativamente para a formação da cultura brasileira. A África impõe-se com grande expressão, dada às forças sociais complexas que se estabeleceram por aproximadamente dois milhões de anos, já que, de seu território, originou-se as primeiras civilizações humanas, além de toda a formação do mundo antigo.

1 Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Educador no Memorial Minas Gerais Vale.

A resistência dos povos africanos e o fluxo diaspórico levaram aos outros continentes, e principalmente à América, as expressões e manifestações tradicionais dessas populações, o que agregou expressivamente e dialeticamente componentes culturais importantes às matrizes históricas brasileiras existentes.

Uma das representações emblemáticas da África – o Baobá ou Baobab, em Angola Embundeiro – é a grandiosa árvore reconhecida como guardiã de memórias e histórias tradicionais. Sua imponência é refletida em sua própria constituição, pois tem a capacidade de sobreviver por séculos, o que analogamente denota a disposição desses povos em resistirem no entrelaçar dos tempos.

O Baobá fixa-se como símbolo da cultura africana, na medida em que avança pelo tempo e eterniza gerações. Segundo Milton Santos, "estamos diante de um fixo a magnetizar fluxos do dinamismo social" (SANTOS, 1988, p.).

Embaixo da copa dos Baobás, os anciãos são contadores de histórias que através da oralidade repassam conhecimentos e memórias das tradições e ideias das culturas locais. Nesse sentido, os pés do Baobá tornam-se eixos da vida social, residindo no reino dos antepassados.

Quando se fala em tradição africana e suas formas de expressão, a associação se dá pela reminiscência oral ou oralidade, que se encontra presente no cotidiano das comunidades africanas. Ela é concomitantemente: religião, conhecimento, ciência, história, divertimento e recreação, que fundada na experiência, conduz o homem à sua totalidade enquanto parte de um todo amplo.

Essa tradição oral confere o surgimento de outro símbolo da transmissão do conhecimento, o Griot, esse goza de grande liberdade da palavra, possui status social, é o guardião da memória e da história.

Segundo Amadou Hampaté Bâ (1980), no artigo intitulado *A Tradição viva*, existem três tipos de Griots: os músicos, que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã, etc.) são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores. Os griots "embaixadores" e cortesões são responsáveis pela mediação entre as famílias em caso de desavenças. Os genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo) são igualmente contadores de histórias e grandes viajantes.

A educação tradicional inicia-se na família e encontra na comunidade a figura do Griot como representante máximo da tradição e da transmissão do conhecimento entre as gerações, preservando assim a ancestralidade. A relação entre o homem e a palavra é para eles sagrada porque está vinculada à origem divina evocada pelos antepassados, e esses pressupostos dão aos griots a simbologia de serem os mensageiros da tradição. Desta maneira, os griots assumem o papel de mediadores na comunidade em que estão inseridos e preservam a história.

O lugar de essência da tradição oral dos Griots é aos pés do Baobá e essa junção intrínseca fortalece a transmissão dos saberes e ambos representam a valorização da tradição e da cultura africana.

A história contada pela tradição oral é fator marcante no cotidiano dos africanos e corresponde às suas memórias e entendimentos de vida. No texto de Mia Couto evidencia-se tal "a maior parte dos habitantes da minha terra não sabem ler nem escrever. Mas sabem contar histórias. E sabem escutar." (COUTO, 2008, p. 38).

Assim, a memória, a história e a tradição compõem o quadro cultural

do continente africano e seus reflexos são marcadamente encontrados na composição social e cultural brasileira.

Referências:

COUTO, Mia. O gato e o escuro. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou – A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980, pp.181-218.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

WALDMAN, Maurício. Templos e florestas: metamorfoses da natureza e naturalidades da metamorfose. São Paulo: FFLCH-USP, 1992.



Palmares

Lauren Soledad Rial Araújo[1]

Durante todo o período em que o regime escravista vigorou no Brasil, várias foram as estratégias de resistência – fugas, sabotagens, assassinatos, rebeliões, empreendidas pelos escravizados. Entre elas, destaca-se a formação dos quilombos, consolidada no imaginário[2] brasileiro como um sinônimo de luta dos negros contra a escravidão.

1 Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), especialista em Culturas Políticas, História e Historiografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

2 O imaginário, segundo Backzo (1985), é formado por "componentes míticos e imaginais" que reúnem pensamento, sentimento e ação do sujeito. Além de ser uma das formas reguladoras da vida, o imaginário é apropriado, construído e internalizado pelos indivíduos. Ele não é apenas uma maneira de interpretação da realidade, mas contribui para a construção da mesma.

O mais emblemático foi o quilombo de Palmares, localizado na Serra da Barriga em Alagoas, que chegou a contar, em 1670, com aproximadamente vinte mil pessoas.[3]

Os quilombos eram povoações formadas geralmente em locais de difícil acesso e que tinham sua própria organização social, econômica e política. Nessas comunidades as pessoas viviam livres do jugo da escravidão e, portanto, eram espaços buscados pelos escravos em fuga. É importante ressaltar que os quilombos não eram fechados e isolados da sociedade, ao contrário, eles mantinham contato com outros grupos e recebiam outras pessoas além dos escravizados:

> *Era, como vemos, uma concordata que existia entre quilombos e os grupos e segmentos marginalizados ou oprimidos pelo latifúndio escravista. O quilombo, como vemos, nada tinha de semelhante a um quisto, ou grupo fechado, mas, pelo contrário, constituía-se em pólo de resistência que fazia convergir para o seu centro os diversos níveis de descontentamento e opressão de uma sociedade que tinha como forma de trabalho fundamental a escravidão (MOURA, 1981: 3, apud VIEIRA, 2015).*

Mesmo combatidos e destruídos[4] durante o período colonial, os quilombos contribuíram para a desestabilização do sistema escravista e a força dessa resistência persiste até hoje. Exemplo disso são as comunidades remanescentes de quilombos existentes em todo o Brasil. Em Minas Gerais, são aproximadamente 400 territórios quilombolas distribuídos em 155 municípios e que mantêm vivas as tradições culturais de origem afro-brasileira. Muitos ainda batalham pelo reconhecimento do território e certificação[5].

Além da formação dos quilombos, aspectos presentes no cotidiano dos negros como crenças, costumes, tradições, danças, culinária, também foram elementos de luta contra a escravidão. Tais mecanismos contribuíram para a formação cultural brasileira e reverberam até hoje. Isso mostra que a resistência negra foi dinâmica e abrangente, não se restringindo aos atos de violência física ou à rebeldia dos escravos.

Um exemplo da continuidade dessa resistência e de sua influência na sociedade são as festas e rituais religiosos, como o Congado. Impedidos de viver suas tradições plenamente e forçados a seguir a religião católica, os negros utilizaram suas músicas, danças, tambores para homenagear suas divindades sincretizadas em seus santos de devoção como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia e coroar o Rei Congo e a rainha Ginga, em referência à memória de seus lugares de origem.

A festa de Congado, hoje tombada como bem imaterial pelo IPHAN[6], existe em vários lugares do país. Em Minas Gerais, é considerada uma das manifestações culturais mais significativas – existem cerca de 1.000 grupos por todo o estado[7] - e a diversidade dos ritos varia de comunidade para comunidade. De maneira geral, o Congado remete à luta dos escravos contra o jugo da escravidão e pela manutenção de suas raízes africanas. Por isso, pensar essa festa como uma estratégia de resistência que

3 Conforme dados do site do Parque Memorial Quilombo dos Palmares: www.palmares.gov.br

4 O quilombo de Palmares, por exemplo, foi destruído em 1695 pela expedição de Domingos Jorge Velho, um ano após a morte de seu líder Zumbi. O local atualmente é tombado pelo IPHAN e abriga um Parque Memorial aberto à visitação. que recriou ambientes do antigo quilombo.

5 Na página www.cpisp.org.br estão disponíveis alguns importantes dados sobre comunidades quilombolas de Minas Gerais com base nas pesquisas do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva.

6 BRETTAS, Aline Pinheiro. FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. P.40-45

7 Vídeo "Povos Africanos" da sala "O Povo Mineiro" - Memorial Minas Gerais Vale.

ainda persiste é tão importante: nela e através dela os costumes, a musicalidade e as tradições se resguardam no tempo.

Na música brasileira é inegável a influência dos batuques africanos, cujos tambores têm um significado especial para os rituais do candomblé, da umbanda, dos congados, e que ultrapassaram as fronteiras da religião, pois contribuíram para a formação de ritmos tipicamente brasileiros como o samba e o axé. Além destes, o hip-hop[8] e o rap são gêneros musicais contemporâneos que evocam a luta por representarem o fortalecimento da cultura negra.

A cultura africana está fortemente presente no cotidiano: passando pela culinária- cujos pratos são comuns na mesa dos brasileiros, como o angu, por exemplo- até a linguagem, esta influência muitas vezes não é reconhecida. Palavras de origem africana, ao lado da matriz indígena contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil, não só com um extenso léxico como *neném*, *babá*, *cafuné*, *dengue* [9], mas também nas maneiras de falar da linguagem popular[10].

Portanto, juntamente com os quilombos, foram múltiplas as maneiras que os negros encontraram para negar a condição de escravo a qual foram submetidos ao longo da história do Brasil. É visível a permanência dessa herança cultural e difícil estudar cada mecanismo separadamente, pois como são aspectos culturais, eles se relacionam mutuamente e com outras culturas também: não é possível dissociar a música da religiosidade e a culinária das palavras, por exemplo.

A contribuição da cultura africana para a formação do país se deu em diversos âmbitos e permanece viva. A resistência negra hoje se dá não só pela continuidade das tradições culturais, mas pela luta do povo negro por igualdade de oportunidades sociais e econômicas, pela valorização da identidade negra e pelo fim do racismo. Reconhecer essas variadas formas de luta é perceber tanto o negro escravizado do período colonial como o negro cidadão brasileiro de hoje enquanto sujeitos ativos, protagonistas de sua própria história e transformadores da sociedade por meio de todo seu legado cultural.

8 Movimento cultural surgido em meados dos anos de 1970 nos bairros afrodescendentes e latinos de Nova York. Composto por quatro elementos, o graffiti, o breakdance, o DJ e o rap, o movimento se imbui de estilos próprios e marcantes para dar voz ativa às comunidades marginalizadas. O Hip-Hop tem na música rap sua vertente mais expressiva.

9 Livro Memória das Palavras – A cor da cultura.

10 Um exemplo é a utilização de diminutivos para indicar intensidade. ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Africanismos no Português do Brasil. P. 11-13.

Referências:

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no Português do Brasil. Revista de Letras - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011

ARAÚJO, Anderson Leon de Almeida. DUPRET, Leila. Entre Atabaques, sambas e orixás. Revista Brasileira de Estudos da Canção – ISSN 2238-1198 Natal, v.1, n.1, jan-jun 2012. Disponível em: www.rbec.ect.ufrn.br

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et Ali. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BENNET, Marcus. Os quilombolas e a resistência. Revista Palmares, ano IV, número 6, março 2010.

BRETTAS, Aline Pinheiro. FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS

Unirio | MAST - vol. 5 no 1, 2012.

Manifestações culturais. Revista Palmares, ano V, número 5, agosto 2009.

Memória das Palavras. Coleção A cor da Cultura.

PROENÇA, Wander de Lara. Debates historiográficos da escravidão. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior", 2007.

VIEIRA, Flávia. Resistência e luta dos movimentos negros no Brasil: da rebeldia anônima na sociedade escravocrata ao enfrentamento político na sociedade de classes. Publicatio:UEPG Ciências Sociais Aplicadas., Ponta Grossa, 23 (2): 211-219, jul./dez. 2015

Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>

http://www.cpisp.org.br/
http://serradabarriga.palmares.gov.br/

Vídeo "Povos Africanos" – Sala "O povo mineiro" – Memorial Minas Gerais Vale

Ilê Aiyê:
reflexões sobre o "lugar" do negro na sociedade mineira contemporânea

Smally G. Rodrigues[1]

Ilê-ayê, em yorubá significa "casa no mundo" e reafirma a presença e o lugar do negro na sociedade. Essa presença é ressignificada a partir da celebração, valorização, preservação e transmissão dos traços culturais africanos. Ações importantes e necessárias para que o negro eleve sua autoestima, combata o preconceito e aprenda a valorizar o outro e suas raízes étnico-culturais.

Pensar o lugar que o negro ocupa nos espaços de sociabilidade dos centros urbanos e rurais, assim como nos cargos empregatícios, nas

1 Licenciado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH e Educador no Memorial Minas Gerais Vale.

vagas universitárias e no imaginário da população, demanda uma análise das construções simbólicas discursivas a respeito desses sujeitos. As formas como as pessoas veem, se veem e são vistas nas sociedades humanas relacionam-se com as construções simbólicas dialéticas entre discurso e realidade social. Como nos aponta o historiador José Carlos Reis, "(...)o discurso e a realidade social se orientam reciprocamente." (REIS, 2006, p.15).

No final século XIX e começo do XX, as narrativas históricas determinaram lugar de pouco destaque para as representações dos povos africanos e suas influências na sociedade brasileira. Essas representações realizadas por alguns intelectuais, sujeitos históricos do seu próprio tempo, repercutiram nas redes de ensino e ajudaram a reforçar o preconceito acerca desses povos e suas manifestações. Diante do exposto, apoiado em Reis, consideramos que "cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza" (REIS, 2006, p.96).

A figura do negro foi retratada, neste período, com base em arquétipos que transmitiam uma imagem coisificada. Visto como objeto e mercadoria, suas condições humanas de sociabilidade e mobilidade foram apagadas, o que acabou por repercutir no discurso e nas práticas sociais, pois estas representações históricas retornam à realidade cotidiana, reproduzindo-a – ou alternando –, influenciando, assim, no tratamento preconceituoso em relação a esses sujeitos.

O que propomos aqui se relaciona com as pesquisas mais recentes em relação à constituição do nosso povo, pautadas em uma reavaliação do passado e das suas interpretações, de acordo com pontos de vista do presente, novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e teorias. Assim, colocaremos algumas sugestões de abordagens que contribuirão para revermos e entendermos os lugares que os negros ocupam na sociedade mineira contemporânea e suas respectivas contribuições culturais.

As pesquisas recentes do historiador Eduardo França Paiva advertem-nos para não tratarmos a cultura negra e a formação do povo mineiro como uma manifestação homogênea, pois, "(...) uma população é formada não apenas por sua vivência biológica em um presente qualquer, mas, também, por culturas, memórias e conhecimentos, que são herdados parcialmente por gerações que as sucedem." (PAIVA, 2010, p.3). Neste esteio, podemos abordar sobre outra perspectiva a influência dos povos africanos na cultura mineira, não desconsiderando o peso que a escravidão exerceu sobre esses povos, mas ressaltando aspectos culturais do cotidiano que mostram esses sujeitos como seres humanos e agentes históricos que são.

Levando em consideração os argumentos da pesquisadora Nilma Lino Gomes, para darmos visibilidade e o devido reconhecimento a esses povos, precisamos assentar esse grupo étnico-racial em um lugar na história mineira e brasileira. Isto significa possibilitar a circulação de outras informações sobre os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, como por exemplo, recortes que reconheçam "(...) a sabedoria, a política, a técnica, a arte, o conhecimento, a musicalidade, a religiosidade (...)", dentre outras manifestações (GOMES, 2010, p.3).

Um exemplo de discussão que pode ser trazida e problematizada no tempo presente, mostrando a inserção e mobilidade nas minas coloniais setecentistas, está nas pesquisas de Paiva, que afirmam que os negros e

mestiços, ocuparam "(...) praticamente todas as categorias econômicas, politicas, culturais e administrativas." (PAIVA, 2010, p.11). Segundo esse autor, senhores e escravizados, em alguns casos, trabalhavam lado a lado no cotidiano dividindo comida, ganho e teto.

Concluindo, procuramos apresentar o passado e suas representações como algo que continua agindo sobre o presente e projetando-se no futuro. Apresentamos o passado como construção simbólica que interfere no social e corrobora por ajudar a definir nosso lugar na sociedade. Buscamos tratar o conhecimento histórico como debate capaz de ser reformulado ou rejeitado pelas demandas sociais atuais.

Podemos afirmar que a história do povo negro, e suas influências, estão sendo descobertas, descortinadas e reescritas no século XXI, pois essa reelaboração historiográfica se transformou em exigência desses sujeitos. Dessa forma, através de uma análise que contemple o universo cultural mineiro e brasileiro conectado, e não fragmentado "(...) em porções culturais, econômicas, políticas, religiosas, filosóficas, etc... , como se fossem partes soltas, montadas à revelia da história" (PAIVA, 2010, p. 15), poderemos demonstrar, para as gerações presentes e futuras, que a instituição escravocrata não foi capaz de apagar os ideais, os desejos e a capacidade de reação e mudança herdada da ancestralidade dos reinos africanos. Sendo assim, a presença do negro em Minas Gerais será vista e compreendida como a do "(...) sujeito ativo que participou e participa da vida social, econômica, cultural e dos destinos mineiros." (GOMES, 2010, p.1).

Finalizando, deixamos uma reflexão de José Carlos Reis, que nos ajuda a compreender as forças discursivas que emergem nas sociedades no tempo e como a desnaturalização de processos históricos pode nos ajudar a compreender melhor o tempo em que vivemos e transformá-lo a partir de demandas do presente vivido.

> *(...) a interpretação histórica toca indiretamente em sua vida os homens, que passam a se compreender melhor e mudam. Assim, os sujeitos históricos informados pelas interpretações, localizados, quando sonharem com o futuro e o passado, terão menos pesadelos, e quando viverem, no presente, encontrarão os melhores meios e termos para expressar seus interesses e realizar os seus projetos. (REIS, 2006, p.20)*

Referências:

PAIVA, Eduardo França. *Povos africanos, o povo mineiro***:** definições, histórias, representações. Belo Horizonte: MMGV.

GOMES, Nilma Lino. *Negros, minas e liberdade***.** Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2010.

REIS, José Carlos.; FUNDACAO GETULIO VARGAS. *As identidades do Brasil:* de Varnhagem a FHC. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. 278 p.



Sugestões de *Práticas*

Espelhos

Materiais: pequenos espelhos de bolso.

Objetivos: o objetivo desta prática é estimular a percepção do outro para que as diferenças entre os indivíduos sejam reconhecidas, valorizadas e respeitadas.

Procedimentos: Entregar para cada aluno um espelho e pedir que formem duplas. Depois de formadas as duplas, um virará de costas para o outro. De costas eles deverão observar o colega através do espelho. Diga para que eles observem os detalhes do rosto do colega, como o formato do nariz, a cor dos olhos, o cabelo. Após o momento de observação, trazer os questionamentos abaixo.

Reflexões: as pessoas são todas iguais? O que seu colega tem de diferente de você? E o que vocês têm em comum? Você acha importante prestar atenção nas outras pessoas? Por quê?

Pranchas – Visões da África

Materiais: fotografias atuais de países da África.

Objetivos: Desconstruir estereótipos existentes sobre a África, por exemplo, de que é um lugar homogêneo onde há somente miséria ou animais selvagens.

Procedimentos: Mostrar as imagens para os alunos sem dizer de onde são e perguntar que lugares são aqueles. Depois que eles disserem suas hipóteses trazer as reflexões.

Reflexões: por que ficamos surpresos ao descobrir que essas imagens são de países da África? O que estamos acostumados a ouvir sobre este continente? O que essas imagens nos dizem sobre a África?

Dica: Não é difícil encontrar essas imagens na internet. Procure fotografias que retratem cidades desenvolvidas e outras de paisagens naturais, savanas, de diferentes países africanos para que os alunos percebam que existe esse estereótipo e possam desconstruí-lo. Não se esqueça de colocar a legenda com o nome da cidade e do país no verso da fotografia.

Palavras de origem africana

Materiais: fichas com as palavras escritas ou imagens que as representem.

Objetivos: provocar a reflexão de que a cultura africana está bem próxima de nós, está em nosso cotidiano, como no caso de palavras que fazem parte da língua portuguesa, e, com isso, promover o entendimento da importância dessa cultura.

Procedimentos: Selecionar palavras de origem africana ou imagens que as representem que fazem parte do nosso vocabulário. As palavras e/

ou imagens podem ser usadas de diversas formas. Os alunos podem pesquisar sobre a origem delas, criar narrativas utilizando algumas palavras ou até mesmo fazer um jogo de mímica. Também com base nas palavras, pode-se iniciar uma investigação sobre a influência da cultura africana em outros aspectos, como culinária, costumes, músicas, por exemplo.

Reflexões: Quais dessas palavras vocês utilizam no dia-a-dia? De que forma a cultura africana contribuiu para a formação da cultura brasileira? Como podemos perceber a cultura africana em nosso cotidiano?

Dica: Escolha palavras que estejam mais próximas da realidade dos alunos. Nestes sites você pode encontrar algumas:

http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Memoria_MEC.pdf

http://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/

http://www.afreaka.com.br/notas/a-influencia-africana-na-formacao-da-lingua-portuguesa-no-brasil/

“Irin Ajo”*:
Resistência e Liberdade

*Irin Ajo significa jornada ou viagem no idioma Iorubá.

Henrique Rocha Bedetti1

Estamos nas Minas Gerais em meados do século XVIII. Época de ganância, disputas, sonhos, lutas e resistências. Época de homens poderosos e abrutalhados, desejosos por riquezas infinitas. Dispostos a defender seus interesses a todo custo, não se fazem de rogados para fazer valer sua autoridade e poder. Senhores donos de grandes extensões de terra, de jazidas de ouro que se colocam acima do bem e do mal, se posicionam como donos de pessoas que sob sua autoridade são obrigadas a sustentar um ambiente de riqueza, conforto e bem-estar, porém, sob a

1 Henrique Bedetti é graduado em História pelo Uni-BH e educador no Memorial Minas Gerais Vale.

chancela do trabalho árduo e abusivo. Grandes fazendeiros, mineradores e suas mentes ofuscadas pelas grandes riquezas que podem arrancar da terra, tirar os direitos daqueles que para eles trabalham.

Época de mulheres, homens e crianças também silenciadas pelas mais duras penas. Sujeitos que outrora eram livres, mas que foram sequestrados, arrancados de sua terra natal, a África. E que hoje, no tempo em que se propõe esse desafio, já não sofrem apenas a distância da terra, dos costumes e crenças, mas sofrem à distância de três gerações em relação aos primeiros entes que atravessaram o atlântico nos famigerados navios negreiros. Sobre o braço forte da escravidão, gerações se formaram em terras brasileiras e sofreram os mesmos castigos. A eles tudo era relegado, até sua própria personalidade. Eram submetidos a um tratamento tão agressivo e desumano que já não eram mais vistos pelos senhores como seres humanos e sim como coisas, como mercadorias.

Ainda que vivendo sobre tão doloroso sofrimento esses africanos e afro-brasileiros não se davam por vencidos. Mesmo que trazendo como propriedade material apenas as roupas que lhes cobriam os corpos, esses sujeitos desembarcavam no Brasil munidos de outras riquezas, que autoridade, castigo ou abuso nenhum poderia arrancar-lhes. Na diáspora, negras e negros, traziam consigo a propriedade intelectual, saberes e fazeres, práticas culturais e religiosas tão sublimes e importantes que o forte apego a elas era a única estratégia para que esse povo não se anulasse tão longe de sua terra natal. Arranjos estratégicos eram necessários, já que os senhores de escravos não aceitavam as manifestações culturais e religiosas daqueles de quem exploravam mão de obra. Portanto, muitas vezes aproximavam seus ritos dos ritos católicos, usavam locais de

celebração e culto que poderiam ter alguma semelhança com sua terra natal. Africanos e afrodescendentes faziam de tudo para não perder o vínculo com suas raízes e ao mesmo tempo suportar a dureza da vida na nova terra.

A relação entre senhores e escravos gerou inúmeros conflitos, perseguições e revoltas. Qual ser humano com seu direito à liberdade, sendo violado em todos os sentidos, se manteria passivo? Nenhum! Qual é o sujeito que não se rebelaria frente a essa situação? Esse sentimento de inconformismo estimulou os escravos a se rebelarem contra os abusos de seus senhores. É nesse ato de rebeldia, clamando por liberdade, que surgem os quilombos. Negras e negros fugiam das fazendas ou minas em que trabalhavam e se reuniam em locais distantes de onde eram explorados e de difícil acesso. Nesses locais eles se tornariam mulheres e homens livres. Organizavam um modus vivendi e um modus operandi o mais próximo possível das suas origens, ligados a seus antepassados africanos. Essas pessoas faziam de um lugar ermo (aos olhos dos senhores e capitães do mato) sua nova morada, seu território. Lugar onde plantavam e colhiam seu sustento. Lugar onde crenças e culturas eram respeitadas e praticadas, onde voltavam às suas raízes, onde os sujeitos podiam viver em sociedade de maneira respeitosa e digna.

É evidente que os quilombos eram mal vistos pelos senhores de escravos, mineradores, autoridades. Eles representavam uma ameaça ao sistema de produção colonial e ao patrimônio dos poderosos, além de ser um prenúncio de uma revolta ainda maior que poderia surgir da união dos quilombolas e assim pôr fim ao sistema escravagista. É nesse cenário que a aventura se desenrola.

A busca aos quilombos e seus integrantes se acirrava nesse período do século XVIII. Quando descobertos, os quilombos eram brutalmente atacados

e suas populações sofriam castigos terríveis, quando não encaravam a própria morte. O clima de tensão aumentava, era preciso lutar pela sobrevivência.

Boatos de toda ordem circulavam por toda a Capitania, principalmente na região da bacia do Rio Doce, próxima à Vila Rica. No entanto, dois deles ganhavam destaque: o primeiro espalha a notícia de que os quilombos estavam sob forte vigilância e perseguição; o outro enchia de esperança homens e mulheres quilombolas. A existência de um rei africano em Minas Gerais. Homem que fora rei em África e agora era rei nas Minas Gerais. Após longo período de sofrimento e trabalho árduo ele consegue comprar sua própria liberdade. Seu nome era Chico Rei. Dono de uma mina de ouro em Vila Rica, Chico Rei logo se torna referência para seus pares, chamarisco à luta e à resistência.

Frente à crescente tensão, lideranças quilombolas das imediações dos vilarejos de São Miguel de Piracicaba (Rio Piracicaba), São João do Morro Grande (Barão de Cocais), Santana do Rosário (Itabira) e São Gonçalo (São Gonçalo do Rio Abaixo) partem de seus territórios e rumam sentido à Vila Rica. A ideia era conhecer aquele que tanto os inspirou sonhos de liberdade, além de buscar apoio e orientação para unir esses quilombos na "Mina da Encardideira" junto a Chico Rei e seu povo.

Seria possível fundar um reino africano em Minas Gerais?

Quais desafios os quilombolas encontrariam pelos caminhos?

Que surpresas a região os reservaria?

Entender e desvendar os caminhos e arranjos que levaram à formação da resistência quilombola em Minas Gerais pode ser além de uma grande e interessante aventura, uma forma muito eficaz de se estudar o período em questão. O educador ou agente cultural pode criar narrativas e atividades com base nos conteúdos de História, Literatura, Biologia, Geografia e Artes, que dialogam com as temáticas.

Aborde questões sobre traços culturais africanos e afro-brasileiros, saberes e fazeres, peculiaridades e curiosidades comuns às regiões citadas inicialmente no texto. Estimule os alunos a falarem sobre suas origens e seus conhecimentos prévios. Assim é facilitado o entendimento acerca da grande importância do povo negro para a formação da cultura e da sociedade mineira bem como a trajetória de mulheres e homens que circulavam pelas Minas Gerais do século XVIII. Povos que enfrentaram dificuldades e desafios para manterem-se vivos e preservar sua cultura e história e, principalmente, o elo com a origem africana.

Ficha técnica:

Gestor
Wagner Tameirão

Coordenadora do Educativo
Mabel Faleiro

Educadores proponentes
Ana Luiza Neves
Henrique Bedetti
Silvia Coelho

Educadores colaboradores
Caroline Oliveira
Charles Souza
Lauren Rial
Marcela Apgaua
Nancy Mora Castro
Smally Rodrigues
Valdir Santos

Revisão de Textos
Ana Luiza Neves
Henrique Bedetti
Mabel Faleiro
Silvia Coelho

Projeto gráfico e ilustrações
Nancy Mora Castro

Agradecimentos
Anna Cláudia d´Andrea
Camila Abud
Carla Vimercate
Maria Alice Santos
Maristella Medeiros
Equipe Educativo MMGV

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Iniciativa:

FUNDAÇÃO VALE

Patrocínio:

VALE

Parceria:

CIRCUITO LIBERDADE

iepha MINAS GERAIS

SECRETARIA DE CULTURA

MINAS GERAIS GOVERNO DE TODOS

Realização:

MEMORIAL MINAS GERAIS VALE

MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL GOVERNO FEDERAL